



SINDICATO DOS CONTABILISTAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, COMEMORA 99 ANOS DE EXISTÊNCIA



Da esquerda para direita: Lúcio - SESCON/RJ, Luiz Sergio –FEDCONT RJ, ES E BA , Vitória Maria da Silva – CRC/RJ , Lygia Maria – SINDICONT-RIO , Antonio Neto –CSB e Marcos Moura – SIND. CONT. BAHIA

Com a presença dos Diretores da FEDCONT, Luiz Sergio da Rosa Lopes , Sandra Regina Rodrigues T. Maciel , Jose Rubens do Amaral e Egberto de Jesus Bastos , o Sindicato dos Contabilistas do Município do Rio de Janeiro comemorou no dia 06/11/2015 seu 99º aniversário, com uma concorrida recepção no Salão Nobre de sua sede, na Rua Buenos Aires.

Presentes várias lideranças sindicais, autoridades e demais convidados , assim como, expressivo número de associados.



Dirigentes Sindicais de outros Estados



No transcorrer do evento, foram homenageados os Dirigentes Jayme Pina Rocio(Tesoureiro do Sindicont-Rio) e Antonio Neto (Presidente da Central dos Sindicatos Brasileiros -CSB) , com o “Troféu Sindicont-Rio – Edição 2015” .

O Presidente da Federação abriu as intervenções, elogiando a profícua longevidade do Sindicato.

Encerrando a Contadora Lygia Maria Vieira Sampaio – Presidente do Sindicont-Rio , fez um breve histórico da atuação da Entidade ao longo dos anos, prometendo uma comemoração impar no próximo ano, quando o Sindicato dos Contabilistas do Município do Rio de Janeiro completará 100 anos , um século.



Da esquerda para direita (José Rubens , Luiz Sergio, Sandra Regina , José Ornis Rosa –Pres. Sind. Cont. Campos e Egberto de Jesus)

O SINDICONT-Rio sedia a 8ª ENPRESCONT



O SINDICONT-Rio reuniu no dia 5/11/2015 em sua sede, representantes de todo o país para o 8º Encontro Nacional dos Presidentes e Representantes de Sindicatos dos Profissionais da Contabilidade - ENPRESCONT, que teve como tema “ O intercâmbio de informações e fomentar a mutua colaboração entre as entidades da Classe Contábil.

A mesa de abertura foi composta pela diretora cultural e de divulgação, Bela Balassiano, pela Presidente do SINDICONT-Rio, Lygia Sampaio, e pelo presidente do SINDICONTA-BA, Marco Moura. (Presidente do 7º ENPRESCONT realizado em Salvador /BA).

A pauta de discussões girou em torno das possibilidades de incrementar a força dos sindicatos na defesa dos interesses dos contabilistas e da representatividade política da classe.

FONTE: Site Sindicant-rio 06/11/2015

Polícia pode entrar em residências sem mandado, decide STF

É lícita a invasão de domicílio visando a busca de provas sem mandado judicial pela polícia militar, desde que amparada em fundadas razões pelos agentes, justificada a excepcionalidade por escrito, sob punição disciplinar, civil ou penal. Essa foi a decisão do plenário do STF nessa tarde de quinta-feira (5).

Caso concreto

O corréu, que confessou o crime, mas não foi quem ingressou com o recurso extraordinário, foi surpreendido pela polícia conduzindo um caminhão cujo interior possuía drogas. Apontou um terceiro, réu recorrente ao Supremo, como aquele que pediu para transportar a droga. A PM entendeu que se o réu havia pedido o transporte, talvez possuísse material no interior da residência. Entraram na casa e descobriram a droga.

Ambos foram condenados. No Recurso Extraordinário 603.616, o réu questionou a legitimidade da PM em violar a residência, durante a noite e sem mandado judicial, em busca de provas, vez que o acórdão recorrido entendeu que, na prática de crime permanente, em que a consumação do delito se perpetua no tempo, é prescindível a apresentação de mandado de busca e apreensão, estando autorizadas as buscas efetivadas pela autoridade policial.

Busca e apreensão é claramente invasiva, mas tem grande valia para a repressão

O ministro Gilmar Mendes, relator do processo, teve seu voto seguido pelos ministros Luiz Fux, Edson Fachin, Rosa Weber, Luís Roberto Barroso, Celso de Mello e o presidente Ricardo Lewandowski.

Em seu voto, o ministro Gilmar Mendes afirmou que a busca e apreensão domiciliar é claramente uma medida invasiva, mas de grande valia para a repressão à prática de crimes e para investigação criminal. O ministro admitiu que ocorrem abusos – tanto na tomada de decisão de entrada forçada quanto na execução da medida – e reconheceu que as comunidades em situação de vulnerabilidade social muitas vezes são vítimas de ingerências arbitrárias por parte de autoridades policiais.

Por maioria, os ministros estabeleceram a tese de que as buscas sem mandado judicial são lícitas quando amparadas em fundadas razões, devidamente justificadas a *posteriori*, desde que haja flagrante delito no local. Os abusos deverão ser verificados nas audiências de custódia, sob punição disciplinar, civil ou penal dos agentes policiais.

Marco Aurélio destaca "carta em branco para a polícia invadir domicílios"

Marco Aurélio acredita que o voto de Gilmar será "uma carta em branco para a polícia invadir domicílios".

Segundo o ministro, avaliando o caso concreto, “o *Direito Penal se rege pelo princípio da legalidade estrita. Nós podemos aqui julgar como delito permanente? Poderiam os policiais não ter encontrado na residência qualquer indício do tráfico. Mas encontraram. O resultado justifica a invasão? Isso viola o artigo quinto da CF. Não se tem, no acórdão referido, uma linha quanto a um outro elemento probatório que levasse a conclusão da culpabilidade*”.

"Não estou a dizer aqui que não cabe a PM invadir uma casa quando esteja sendo cometido, considerado o flagrante, um delito. Estou considerando as balizas objetivas do caso concreto. E a partir disso, provejo o recurso e o absolvo-o". Por maioria, o recurso foi negado. Marco Aurélio teve seu voto vencido.

Fonte: JUSBRASIL 09/11/2015

Impasse no Congresso Nacional arrasta a recuperação do país para 2017

Brasil pode ter três anos de recessão com queda do Produto Interno Bruto



Brasília – Os indicadores econômicos ruins deste ano já contaminaram 2016 bem antes da mudança no calendário. Para colocar o Brasil de novo nos trilhos do crescimento, o governo federal precisa desatar muitos nós, a começar pelo ajuste das contas públicas e a recuperação da confiança dos investidores. Só assim o alívio pode chegar em 2017. Na opinião de economistas ouvidos pelo Estado de Minas, contudo, há possibilidade de o país emplacar três anos de recessão, com queda do Produto Interno Bruto (o PIB é a soma da produção de bens e serviços do país) também em 2017. Outra dificuldade é conter o fôlego do dragão dos preços, que vem corroendo os rendimentos dos brasileiros. Para vislumbrar o início da recuperação econômica dentro de dois anos, a equipe econômica precisa superar vários desafios ao longo do ano que vem e retoma a agenda dos ajustes no Congresso Nacional. Isso só vai ocorrer, apontam os especialistas, se o governo tiver força política. O Congresso não parece nada disposto a aprovar as medidas de austeridade fiscal, sobretudo as que tratam de aumento de impostos, e o primeiro dever de casa a ser

cumprido é o ajuste das contas públicas.

“Este governo é politicamente fraco, não apresenta soluções e não consegue fazer os ajustes. No início deste ano, a expectativa era de que poderia haver recuperação em 2016. O que vimos foi o contrário, o lado fiscal se agravou, houve aceleração do endividamento e isso comprometeu o próximo ano”, sentencia o economista-chefe da SulAmérica Investimentos, Newton Rosa. Para o especialista, as previsões são de queda no PIB de 3% este ano e de 2% no ano que vem, com números, na melhor das hipóteses, de estabilidade em 2017. Newton Rosa considera que o país está preso num círculo vicioso. “As medidas de ajuste fiscal não são implementadas, o que agrava o risco-país. Se perder o grau de investimento concedido por mais agências de classificação de risco no ano que vem, vai ser difícil sair da recessão”, lamenta o economista.

Na avaliação do professor de economia da Universidade de São Paulo (USP) Waldemir Luiz de Quadros, o problema do Brasil está na falta de confiança tanto na Presidência da República, quanto no Ministério da Fazenda. “Havia uma ilusão de que o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, seria o fundamento sólido para promover os ajustes, mas ele já mostrou que não tem poder para fazer o que precisa ser feito. O nó é político”, afirma. Conservador e ortodoxo, o ministro Levy não conseguiu estancar a sangria no caixa do governo. Ao tomar posse, disse que o país faria superávit primário (economia para pagamento dos juros da dívida). No entanto, vai entregar um déficit recorde de R\$ 120 bilhões, o equivalente a 2,1% do PIB. Para 2016, a intenção é fechar o ano com resultado superavitário em 0,7% do PIB. Economistas e analistas de bancos e corretoras não acreditam no cumprimento da promessa. A paralisia do país, na visão do ex-diretor do Banco Central Carlos Eduardo de Freitas, presidente do Conselho Regional de Economia do Distrito Federal (Corecon/DF), é resultado de um impasse entre o governo e a parcela da sociedade que espera o equilíbrio das contas públicas. “O governo petista é socialista, defende a distribuição de renda e quer fazer ajuste apenas com aumento de impostos. A sociedade quer ver as contas públicas em dia com redução de gastos”, critica.

Freitas acrescenta que o crescimento poderia começar a ocorrer naturalmente já em 2016 se tal impasse fosse resolvido. “No entanto, a única saída apresentada por este governo é a recriação da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira). Ele não fez nenhuma outra proposta para aumentar a renda e arrecadar mais, gastando menos”, afirma.

Para o estrategista-chefe do Banco Mizuho, Luciano Rostagno, as taxas de juros tornam o

crédito caro e seguram os investimentos, necessários para provocar uma reação na economia. As taxas de inadimplência aumentaram muito, sobretudo no caso das empresas. Para se proteger dos calotes, os bancos se tornam mais exigentes para conceder empréstimos e o crédito tende a ficar ainda mais restrito. “Com a taxa de desemprego subindo, há queda tanto na oferta de crédito quanto na demanda por financiamentos”, diz Rostagno.

Fonte : JUSBRASIL 08/11/2015 - SIMONE KAFRUNI

Trabalho precisa de amor?

Em 2005, Steve Jobs fez um discurso emocionante para 23.000 alunos da Universidade Stanford, na Califórnia, numa cerimônia de formatura. De lá para cá, o vídeo do evento já foi assistido mais de 20 milhões de vezes no YouTube.

Em determinado momento de sua fala, Jobs crava: “Você tem de encontrar o que você ama. A única maneira de fazer um excelente trabalho é amar o que faz. Se você ainda não encontrou, continue procurando, e não se acomode”.

O texto do genial fundador da Apple serviu como um grande reforço para a ideia de que associar trabalho à satisfação é um componente essencial do sucesso. Muita gente toma esse raciocínio como verdade absoluta, mas ele não explica algumas questões.

Por exemplo: o que fazer com os milhões de profissionais que são ótimos fazendo um trabalho que detestam? E como explicar aqueles que adoram o que fazem, mas têm um desempenho ruim? Talvez seja preciso investigar melhor o discurso da paixão pelo fazer.

Foi o que fez Cal Newport, professor de ciência da computação na Universidade de Georgetown, em Washington. Em 2010, ele ficou obcecado pela ideia de responder a uma pergunta simples: “Por que algumas pessoas acabam amando sua carreira e outras não?”. O professor foi investigar profissionais que faziam o que amavam nas mais variadas atividades — agricultores, músicos, roteiristas, investidores de risco, programadores.

Cal tinha a tese de que seguir uma vocação inicial não era exatamente o caminho mais eficaz para ter amor pelo trabalho. O resultado da investigação está no livro *So Good They Can't Ignore You* (“Tão bom que eles não podem ignorá-lo”, numa tradução livre, inédito no Brasil, 26 dólares na Amazon).

“Essa premissa do faça o que você ama é muito sedutora, mas é falsa porque a maioria das pessoas não é programada para amar determinado tipo de trabalho”, diz Cal.

Ao estudar pessoas que acabaram apaixonadas pela carreira, o professor percebeu que na maior parte dos casos o amor pelo trabalho se desenvolve ao longo do tempo, conforme as pessoas moldam a vida profissional de maneira significativa. O processo de construção seria, portanto, mais importante para a satisfação do que a escolha inicial com base em uma suposta preferência.

A opinião de Cal é semelhante à de outros especialistas como Rafael Alcadipani, professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. “Os motivos para uma pessoa ficar insatisfeita com o

trabalho são diversos, mas a satisfação raramente tem a ver com alguma inclinação preexistente”, afirma Rafael.

Amar o ofício talvez seja mais simples para quem ocupa um cargo de destaque ou tem um negócio de sucesso — o que explicaria a crença de Steve Jobs. Mas, para grande parte dos trabalhadores mortais, a relação entre prazer e fazer é mais conflituosa. “Para a maioria das pessoas, a possibilidade de fazer o que ama é limitada pela obrigação de ter de ganhar dinheiro para sobreviver”, diz Rafael.

As biografias de Jobs mostram que o plano inicial dele e de seu sócio, Steve Wozniak, era vender 100 placas de circuito para uma loja local de informática em Mountain View, na Califórnia.

A expectativa era ter um lucro de 1.000 dólares. Jobs entrou descalço no local e ofereceu as placas. O empresário recusou, mas disse que tinha interesse em 50 computadores completos, uma novidade na época. E pagaria 500 dólares cada um. O acordo foi fechado, e assim surgiu a Apple Computer.

Nessa fase da vida, Jobs estava meio desnortado em relação à própria carreira. Tinha largado os estudos e passava boa parte do tempo meditando. Se ele tivesse seguido o conselho que deu aos formandos de Stanford, talvez não tivesse criado a Apple, mas algum templo zen.

O principal problema é que amar o trabalho tornou-se praticamente uma obrigação nos últimos anos, como se fosse o único caminho para o sucesso. “Há um romantismo ingênuo”, diz Eduardo Ferraz, consultor de gestão de pessoas e autor do livro *Seja a Pessoa Certa no Lugar Certo* (Gente, 25 reais). “Parece uma falha moral a pessoa trabalhar para sobreviver.”

Há quem defenda que a busca de uma atividade que proporcione prazer é positiva quando incentiva alguém a deixar um emprego ruim ou a experimentar mais na carreira. Mas em ouvidos errados pode ser um conselho perigoso. Uma má interpretação dessa ideia pode levar a uma escolha de carreira pouco planejada, como calcular mal a remuneração ou a carga de trabalho de um emprego tido como ideal.

“Pode ser frustrante quando a pessoa não encontra o trabalho perfeito”, diz Cal. Mais importante do que trabalhar com o que se ama é pensar em fazer algo que pode gerar crescimento e, eventualmente, satisfação. “Às vezes, não conseguimos começar fazendo o que amamos, mas temos de ter foco para encontrar o que nos faz crescer e, então, nos aproximarmos do que nos faz feliz profissionalmente”, diz Guilherme Gatti, diretor de marketing para a América Latina da FedEx, empresa de logística, de São Paulo.

Boa parte do discurso da paixão pela profissão traz embutida uma imagem estilizada de trabalho, em geral mais agradável do que a realidade cotidiana. O profissional supõe que em um trabalho prazeroso será mais fácil ser feliz ou ficar rico, o que nem sempre é verdade.

“Acho que é preciso questionar mais esse modelo de felicidade e buscar relações de trabalho melhores”, afirma Bárbara Castro, socióloga e professora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, que questiona até que ponto esse trabalho ideal pode virar um meio de sustento concreto.

“A pessoa não precisa se resignar e ficar em um trabalho infeliz para sempre, mas precisa ser crítica quanto às possibilidades de mudança de profissão”, diz Bárbara.

A importância do esforço

Acreditar no sucesso pela paixão tem também o problema de diminuir a importância do mérito e do esforço para construir uma carreira. Fazer o que ama é ótimo, mas não se pode ter a ilusão, ou a falsa esperança, de que basta ter a coragem de mudar para uma atividade amada que o sucesso virá a reboque.

“Gostar do que faz é essencial, mas é preciso estar muito bem preparado para que as expectativas encontrem as oportunidades”, diz Roger Ingold, presidente da consultoria Accenture, de São Paulo. Para Rafael Alcadipani, da FGV-SP, fazer o que ama é um pouco de acaso e bastante de noção sobre as próprias limitações. “Tem gente que ama tocar piano, mas nunca poderia fazer isso profissionalmente.”, diz Rafael.

Na opinião de Cal, o melhor caminho para vir a amar o trabalho é se aperfeiçoar. Primeiro, diz o professor, escolha algo interessante e que ofereça opções de crescimento conforme você for amadurecendo — uma opção mais viável do que ir em busca de um amor verdadeiro. Em segundo lugar, é importante tornar-se um profissional valioso para a empresa e na área em que atua.

“Por fim, use suas habilidades como alavanca para moldar sua carreira em direções que proporcionem satisfação no longo prazo”, afirma Cal. Esse processo leva tempo, mas, segundo o especialista, vai guiá-lo para um trabalho que você ame de forma consistente.

O trabalho ocupa, sim, uma parcela importante da vida de cada um e é fundamental buscar atividades que dão prazer. Mas tem de ser crítico nas decisões de carreira. O profissional deve afastar a ideia ingênua de que uma mudança traz felicidade.

E também deve evitar se sentir culpado ou infeliz por exercer um trabalho pouco prazeroso. Na verdade, a melhor estratégia é enxergar o trabalho como parte de um plano de vida, que tenha múltiplas fontes de satisfação além da profissional.

“Quando temos um propósito de vida bem definido, faremos coisas que verdadeiramente amamos e outras que nem tanto, mas que deverão ser realizadas com a mesma energia e dedicação para que o objetivo maior seja alcançado”, diz Carlos Morassutti, vice-presidente de recursos humanos da Volvo, de Curitiba, no Paraná. Pense nisso da próxima vez que estiver infeliz com a carreira.

Fonte: Você S/A, por Anna Carolina Rodrigues, 04.11.2015

Os artigos reproduzidos neste clipping de notícias são, tanto no conteúdo quanto na forma, de inteira responsabilidade de seus autores. Não traduzem, por isso mesmo, a opinião legal de Granadeiro Guimarães Advogados.

FONTE: Clipping Granadeiro Guimarães

Filiada a:

